

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DA TROCA DE CARTAS ENTRE ESTUDANTES GAÚCHOS E PARAIBANOS

Fábia V. de O. Haas¹, Letícia C. Ponso²

¹Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

²Professora Adjunta do Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

fabiavaniz@yahoo.com.br, lecapon@gmail.com

Resumo. *O presente artigo apresenta o relato de experiência de um projeto pedagógico realizado em uma escola municipal de Gravataí, em uma turma do sétimo ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, no ano de 2019, na aula de Língua Portuguesa, que teve como tema a troca de cartas pessoais entre duas escolas localizadas em diferentes regiões do Brasil: Gravataí, no Rio Grande do Sul, e São Domingos do Cariri, na Paraíba. O objetivo do projeto foi proporcionar aos alunos participantes o contato com variantes linguísticas de duas regiões diferentes do Brasil e, a partir dele, conhecer o vocabulário, a rotina, os lugares e os costumes das regiões envolvidas. Além disso, essa experiência possibilitou aos alunos das duas escolas construir um livro para registrar o conhecimento construído ao longo do projeto.*

Palavras-chave: *Variação Linguística, troca de cartas.*

Abstract. *The following study is an experience report of a pedagogical project conducted in a seventh grade class, in a Gravataí public middle school, throughout 2019, during Portuguese Language classes. The classes were themed around the exchange of personal letters through a pen pal system between schools located in extreme opposites of Brazil: Gravataí, in southern Rio Grande do Sul, and São Domingos do Cariri, in northeastern Paraíba. The goal of this project was to allow participating students to acquire firsthand knowledge in linguistic variants, comparing and contrasting two separate regions in Brazil, and from that point on, get in touch with new vocabulary, routines, places, and habits pertaining to both the South and the Northeast. Besides, this experience allowed students of both schools to put together a book that registered their newfound knowledge resulting from this project.*

Keywords: *Linguistic variations, letter exchange.*

Introdução

As cartas nos dias atuais já não são usadas com frequência pelas pessoas, que optam, na maioria das vezes, por formas mais rápidas de comunicação como o *e-mail*, as mensagens das redes sociais e o telefone. Muitas vezes, é até possível encontrar em sala de aula alunos que desconhecem as cartas como instrumento de comunicação ou estranhem palavras como “selo”, como aconteceu em uma das aulas de Língua Portuguesa, na turma 71, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire, no ano de 2019.

No entanto, a troca de cartas pessoais carrega o fascínio do envio e da espera pela informação. Por ser um gênero textual que não é muito utilizado pelos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, foi considerado que seria uma experiência riquíssima a troca de cartas entre alunos do sétimo ano e alunos da mesma faixa etária de uma escola de outra região do país, como, por exemplo a região nordeste, por apresentar características diferentes no clima, nos costumes, nas expressões linguísticas e por trazer uma prática concreta de uso social da escrita, possibilitando, desta forma, a oportunidade de conhecer uma variedade linguística diferente daquela utilizada em sua região.

Além da linguagem utilizada para a construção das cartas, também foi possível perceber o interesse dos estudantes pela região de onde viriam as respostas das cartas. Nesse sentido, ressaltamos que inicialmente o projeto surgiu com a intenção de trocar as cartas para a observação da variação linguística das distintas cidades e regiões, porém o envolvimento ao longo da atividade foi aumentando e resolvemos escrever um livro que foi lançado na Feira do Livro de Gravataí/RS daquele ano.

Os quase três mil e setecentos quilômetros de separação entre os dois municípios foi a rota da troca de palavras entre alunos que não se conheciam e que inicialmente mostraram-se curiosos pelas inúmeras diferenças que poderiam ter entre si, mas que ao lerem as cartas encontraram muitas semelhanças em seus gostos de estudantes adolescentes.

Ademais, a existência de um interlocutor para trocas de experiência animou a turma para a escrita dos textos, pois exigiu dos alunos atenção e cuidado por estarem sendo responsáveis em transmitir uma mensagem que carregava um pouco da identidade cultural do seu lugar de origem.

Pressupostos teóricos

O Brasil é um país de vastidão territorial e a Língua Portuguesa sofre variações nas diferentes regiões, como nas regiões sul e nordeste, regiões onde se localizam as duas cidades envolvidas no projeto de troca de cartas. A cidade de Gravataí localiza-se na região metropolitana de Porto Alegre e fica distante 30 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. São Domingos do Cariri localiza-se na região geográfica de Campina Grande e fica distante 182 quilômetros da capital da Paraíba, João Pessoa.

Nesse contexto, é consenso entre muitos pesquisadores da língua que as variedades

linguísticas devem ser conhecidas e valorizadas por todos. A existência do estigma de que existe o certo ou o errado ao falar e escrever, segundo Bagno (2013), está associada à noção de uniformidade da língua padrão orientada pela gramática normativa. Infelizmente, continua a ser uma crença muito forte na nossa cultura que as regras para a escrita dessa língua padrão devam reger a língua falada em todas as regiões e classes sociais, o que acaba formando o preconceito linguístico. Assim, é preciso que seja feita a reflexão nas aulas de Língua Portuguesa de que existem diferenças, e não erros na forma como as pessoas se comunicam.

Ainda, segundo Bagno (2003), as variações regionais, estilísticas, sociais, entre outras, estão cada vez mais presentes nos falares dos brasileiros seja pela migração geográfica, pela comunicação eletrônica ou pela televisão, que, segundo o autor, tornou-se “um mostruário da pluralidade linguística” (BAGNO, 2003, p. 99) em nosso país. Essa interpenetração linguística pode ser percebida nos textos escritos pelos alunos das duas escolas que cada vez mais padronizam sua escrita, que, na maioria das vezes, foge à norma-padrão, “que nunca conseguiu transpor os limites de uma restrita parcela da elite intelectual mais tocante à língua, vê seu uso cada vez mais reduzido e limitado a manifestações sociais extremamente formalizadas” (BAGNO, 2003, p.100), evidenciando, desta forma, a distância social e econômica entre os brasileiros.

Sendo assim, a prática pedagógica que considera a variação linguística está alicerçada na valorização do estudo da linguagem como atividade social que envolve a realidade histórica, social e cultural dos falantes envolvidos em um contexto de produção, portanto, “por estar sujeita às circunstâncias do momento, às instabilidades psicológicas, às flutuações de sentido, a língua em grande medida é opaca, não é transparente” (BAGNO, 2003, p.19).

Para o sociolinguista norte-americano William Labov, a língua é heterogênea, impermanente e mutável, ainda que estruturada. Em qualquer estágio de sua mudança, há concorrência entre variantes, e essa heterogeneidade social, temporal, espacial, situacional é o objeto de estudo da Sociolinguística. Na Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]), chama-se *variedade* a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades; *variável* o lugar na gramática no qual localizamos o fenômeno variável – por exemplo, a variável da expressão da segunda pessoa do singular; e *variantes* são as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável – no caso do exemplo citado, *tu* ou *você*. Os *fatores condicionadores* que ajudam o linguista a analisar que contextos são propícios à ocorrência das variantes podem ser internos, também chamados linguísticos (por exemplo, ordem sintática, classe morfológica, aspectos semânticos, etc.) ou externos, também chamados extralinguísticos (por exemplo, a faixa etária, o sexo/gênero, o grau de escolaridade).

As diferenças regionais existem em virtude da formação histórica, social, cultural de cada região, e a variação regional, também chamada *diatópica*, é bastante grande num país com o território do Brasil. Portanto, conhecer as características do cenário por onde a linguagem se constitui também torna-se importante para a valorização da diversidade linguística brasileira e consequentemente para o respeito aos seus falantes.

Para Labov, é a comunidade de fala, e não o indivíduo, que interessa mais ao

pesquisador sociolinguista, já que é nela que a variação e a mudança tomam lugar. “Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). “Os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

Assim, podemos perceber que os falantes de uma determinada língua são dotados de um repertório linguístico disponível para viver em sociedade. Callou (2008, p. 60) afirma que “a variação não é estanque, e a relação entre as múltiplas variantes se situa em um *continuum*”, logo a utilização deste repertório pode variar conforme a necessidade das condições de uso de cada um, sendo que cada usuário da língua não se comunica apenas através de uma mesma variedade, mas conforme a necessidade do contexto de uso. Em outras palavras, a variação é também situacional. Bortoni-Ricardo (2004) defende que a compreensão, pela escola, dos fatores que influenciam as variações da língua pode ajudar o estudante a conhecer suas possibilidades comunicativas, saber usá-las nas diferentes situações e também respeitar a diversidade linguística.

A Base Nacional Comum Curricular de Língua Portuguesa (BRASIL, 2018) apresenta dez competências específicas para este componente curricular. Vejamos as competências específicas de número um, quatro e cinco:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual. (BRASIL, 2018)

As três competências citadas corroboram para a justificativa da construção do projeto apresentado neste artigo, que buscou alinhar-se com teorias alicerçadas na prática do uso social da linguagem. Considerar as variedades linguísticas de nosso país e compreender a maneira como elas se formam pode conduzir os estudantes a respeitar aquilo que é diferente da sua realidade e ampliar seus conhecimentos, além de ajudá-los no reconhecimento das características que compõem a sua forma de se comunicar, valorizando assim a identidade de sua comunidade. Sob esse viés, o mais importante é que os alunos percebam que existem diferenças e não erros na forma como grupos se comunicam.

Além da análise da linguagem empregada na comunicação, a escolha do gênero textual carta também se torna significativa para mostrar aos estudantes a intencionalidade comunicativa de cada gênero discursivo e a função que cada um ocupa dentro do exercício de linguagem como prática social.

Sendo assim, a oportunidade de trabalhar com os alunos de Ensino Fundamental Anos Finais a análise da variação linguística da Língua Portuguesa a partir de uma atividade que valoriza a prática social dos gêneros textuais, contribuindo para a desconstrução do preconceito linguístico e a valorização das características regionais de localidades diferentes do Brasil torna-se significativa pelo convite ao envolvimento dos estudantes com a sua própria comunidade e com uma comunidade diferente da sua, mas que pode apresentar tantas novidades, curiosidades e fatos que merecem ser, além de respeitados, divulgados para que seja reconhecida a diversidade do nosso país.

A troca de cartas entre os estudantes

A ideia de trocar cartas entre estudantes de regiões diferentes do Brasil surgiu em um grupo fechado de professores da rede social *Facebook*. Neste grupo participam professores de todo o Brasil que utilizam esse espaço para trocar experiências. Muitos professores faziam postagens perguntando aos demais participantes se alguém gostaria de trocar cartas entre estados brasileiros diferentes. As duas professoras envolvidas no projeto trabalhavam nos municípios de São Domingos do Cariri/PB, na Escola de Educação Básica João Martins dos Santos, e Gravataí/RS, na Escola de Ensino Fundamental Paulo Freire, respectivamente. O convite partiu da professora do Rio Grande do Sul, que convidou a professora da Paraíba à troca de cartas para trabalhar com este gênero textual e analisar nas produções escritas as possíveis variantes linguísticas. A troca de cartas foi feita entre estudantes do sexto ano e do sétimo ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Para isso, preparamos uma relação do número de alunos participantes e cada um deles iria corresponder-se com um outro de região diferente. O endereço para correspondência utilizado foi o endereço das escolas e não o endereço pessoal dos estudantes.

Após trabalhar com as características do gênero textual carta, foi feita a relação pelas professoras entre quem se corresponderia entre os estudantes. Depois disso, combinamos que na carta cada aluno deveria falar um pouco sobre si e sobre o lugar onde vive. Na elaboração dos textos das cartas foi possível perceber a preocupação com a norma padrão de grande parte dos alunos com a escrita devido à existência de um interlocutor real que iria receber o texto produzido.

Depois de prontas as cartas, chegou a hora de colocá-las no correio. Os alunos da Paraíba puderam colocar a carta diretamente no correio da cidade de São Domingos do Cariri e as cartas dos alunos de Gravataí, no Rio Grande do Sul, foram postadas no correio pela professora, pois o local fica distante da escola.

A espera pela resposta da carta durou por volta de um mês. Ao receberem as cartas, os alunos estavam motivados para conhecer o seu correspondente da outra escola e quais seriam as informações apresentadas na carta. Durante a abertura da carta e a leitura do texto, foi possível perceber que alguns alunos queriam compartilhar com os colegas a mensagem da carta e alguns reproduziam a leitura do texto imitando o sotaque que eles achavam que uma

pessoa residente na Paraíba teria ao se comunicar. Nesse momento, foi importante destacar ao grupo de alunos do sul quais eram as variantes linguísticas diferentes das suas e que não existem maneiras erradas de se expressar, mas sim maneiras diversas.

As cartas trouxeram muitas informações. Os alunos do Rio Grande do Sul, durante comentários feitos em sala de aula, comentavam que os alunos da Paraíba possivelmente teriam hábitos bem diferentes dos hábitos deles, mas o texto da carta surpreendeu bastante os estudantes gaúchos que perceberam que os estudantes paraibanos tinham hábitos muito parecidos com os deles como gostar de jogos online, vídeo-game e músicas cantadas pelos mesmos ídolos. Em relação às palavras utilizadas na escrita da carta, não ocorreu muito estranhamento quanto ao vocabulário escolhido para a comunicação. Essa padronização de preferências e de escolha vocabular pode ser explicada por causa do acesso à *internet* e também devido à globalização, que cada vez mais uniformiza comportamentos.

Por haver uma preocupação com o leitor que receberia a carta, os alunos, ao escreverem seus textos, escolheram usar a linguagem que se aproxima da norma padrão, ou seja, uma escrita característica de alunos em formação das competências leitora e escritora. Também por ser o primeiro contato entre os estudantes, os mesmos optaram por não usar gírias ou expressões típicas regionais para falar sobre si mesmos. Provavelmente, um outro contato entre os alunos que envolvesse a oralidade, como, por exemplo, uma conversa por videoconferência, apontaria com mais evidência as variedades linguísticas. Acreditamos que essa formalidade se deu em razão de ter sido o primeiro contato entre os alunos das duas escolas que pode ter exigido deles essa formalidade no corpo do texto da carta e, como dito anteriormente, os regionalismos linguísticos apareceram na parte específica para isso, como será visto posteriormente.

Nas cartas, além de escreverem um pouco sobre si e sobre o lugar onde vivem, os alunos foram convidados pelas professoras das duas escolas a escrever sobre hábitos e costumes típicos de sua região, assim como sobre as expressões usadas com frequência em suas localidades. Nesta parte da carta é que as diferenças ficaram mais evidentes, mostrando, no caso das expressões linguísticas, que os falantes preferiram usá-las apenas para serem elencadas como exemplos, mas não foram usadas como forma de comunicação nas cartas.

Quanto aos hábitos e costumes encontrados nos textos das cartas, foi possível perceber que os alunos encontraram diferenças em alguns nomes de pratos típicos de cada região e no uso de expressões regionais citadas como as mais usadas entre os habitantes de cada região. Entre os alunos de Gravataí, a curiosidade surgiu para conhecer os pratos típicos: buchada de bode e o mungunzá, e os alunos de São Domingos do Cariri ficaram curiosos para conhecer a bebida típica dos gaúchos: o chimarrão. Essa curiosidade virou experiência gastronômica nas duas escolas.

Figura 1: Alunos na Paraíba experimentando o chimarrão e alunos no Rio Grande do Sul experimentando o mungunzá



Fonte: Arquivo pessoal da autora do artigo Fábria Vaniz de Oliveira Haas

A partir da curiosidade surgida em relação aos pratos típicos e às expressões linguísticas típicas das localidades envolvidas no projeto, nasceu a ideia da construção de um livro coletivo com informações sobre a Paraíba e o Rio Grande do Sul. Assim, ampliou-se a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre as duas regiões do Brasil. A prática da elaboração do livro também envolveu atividades de leitura, escrita, pesquisa, seleção e organização de informações.

Nesta etapa, os alunos foram divididos em grupos, cada grupo em sua turma, em sua escola e em seu estado. Eles deveriam pesquisar sobre o lugar onde vivem de modo mais aprofundado para compartilhar com os colegas da escola correspondente e construir o livro coletivo. O compartilhamento do material produzido foi feito por carta, via correio. Em seguida, foi feito um levantamento dos tópicos mais citados pelos alunos para a construção de um livro único entre os estudantes. Os tópicos apresentados no livro foram: as expressões linguísticas, as fotos com legendas apresentando lugares dos dois municípios envolvidos e as receitas típicas.

O material de consulta escolhido pelos alunos foi, na maioria dos casos, a *internet*, mas alguns alunos optaram pela conversa informal com pessoas mais experientes das comunidades como os pais, os avós e os vizinhos. Para a organização das informações foi

importante o auxílio da professora.

Cabe listar aqui as escolhas feitas pelas turmas para apresentar a diversidade linguística e cultural verificada ao longo do projeto da troca de cartas na construção do livro que foi lançado na Feira do livro de Gravataí, no ano de 2019.

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire, de Gravataí/RS, escolheram as expressões linguísticas típicas do sul: brigadiano, bem capaz, cacetinho, chavear, chimarrão, cupincha, encarangar, fatiota, cusco, entrevero, findi, gauderiar, guri/guria, lagartear, lombá, negrinho, peleia, piá, pila, quebra-mola, rango, tri, tchê, sestear, sinaleira, trovar, vareio, veranear e vivente. As receitas escolhidas pela turma foram: ambrosia, arroz de carreteiro, arroz de leite, chimarrão, cuca, cueca virada, negrinho, sagu com creme, salada de maionese, tainha na taquara e vaca atolada. As fotos legendadas apresentavam os seguintes lugares da cidade: pórtico de entrada, a igreja matriz, a prefeitura, o parcão, o arroio Barnabé (arroio que fica perto da escola), o chafariz da praça e o rio Gravataí.

Os alunos da Escola de Educação Básica João Martins dos Santos listaram algumas expressões linguísticas paraibanas, entre elas: abestado, abirobado, baixa da égua, balançar a tanajura, catota, da peste, danou-se, dar um carão, de hoje a oito, de hoje a quinze, dor-de-veado, eita, embuchada, enxerido, ensacar, filho da peste, frangote, frouxo, fundura, galego, garapa, gastura, jerimum, lesó, mainha, manteiga de garrafa, marmota, mod'eu, muriçoca, painho, quengo, racha, varapau, venta, xerém e zambeta. As receitas elencadas no livro foram: tapioca, cuscuz, mungunzá, pamonha, xerém de galinha, umbuzada, cocada cremosa e buchada de bode. As fotos legendadas representavam o portal de entrada da cidade de São Domingos do Cariri, a igreja velha, a igreja nova, o ginásio esportivo, a praça pública, o parque da saúde, o rio Paraíba e os festejos juninos.

A construção do livro proporcionou, portanto, a sistematização da pesquisa feita pelas turmas através da exposição das características de cada cidade com suas semelhanças, diferenças e peculiaridades. Assim, as expressões linguísticas e as receitas apontaram para a variedade cultural de cada região que começou a ser apresentada nas cartas de forma mais sutil e foi sendo reconhecida com as pesquisas e conversas realizadas durante todo o processo de elaboração do material. Aqui foi possível observar que a uniformidade presente no primeiro momento da carta cedeu espaço para diversidade linguística presente no livro construído a partir das regionalidades de cada localidade.

Figura 2: Alunos na sessão de autógrafo na Feira do livro de Gravataí/RS



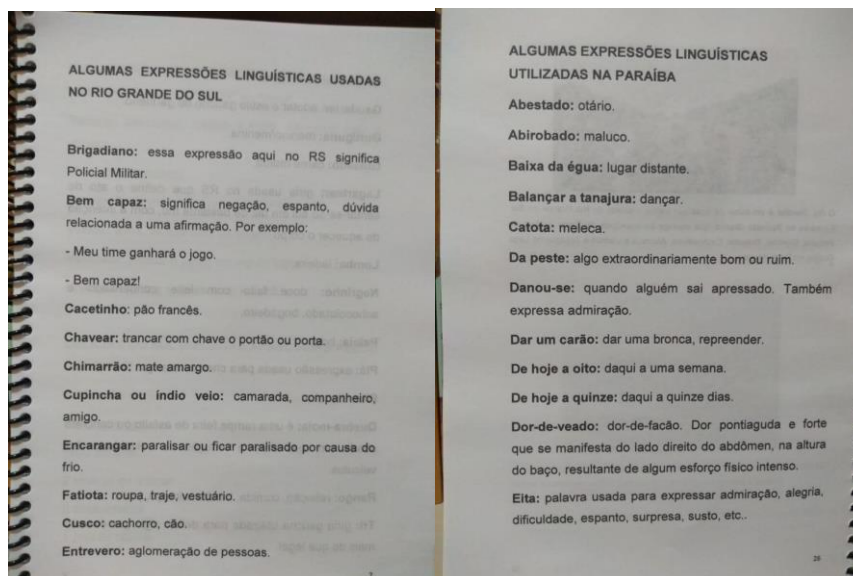
Fonte: Arquivo pessoal da autora do artigo Fábria Vaniz de Oliveira Haas

Figura 3: Capa do livro lançado na Feira do livro de Gravataí/2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora do artigo Fábria Vaniz de Oliveira Haas

Figura 4: páginas do livro apresentando as expressões linguísticas do RS e da PB



Fonte: Arquivo pessoal da autora do artigo Fábria Vaniz de Oliveira Haas

A consolidação do projeto de troca de cartas aconteceu com o lançamento pelos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire do livro produzido pela turma na Feira do livro de Gravataí, com sessão de autógrafos. Foi um momento de muita alegria para os estudantes que tiveram o reconhecimento da comunidade com a exposição do seu trabalho.

Considerações finais

A realização deste projeto avançou por caminhos que inicialmente não tínhamos imaginado trilhar. A ideia inicial partiu da troca de cartas para constatar as variações linguísticas do Português e, além da constatação da variedade, acabamos conhecendo um pouco melhor o lugar onde está localizada a comunidade escolar e conhecemos uma localidade nova com características próprias, mas que não deixava de ter suas semelhanças com a nossa realidade.

Muitas vezes estereótipos são formados em relação à forma de falar de grupos que moram em diferentes regiões, seja por causa do modo como os meios de comunicação e redes sociais expõem as diferentes situações comunicativas, seja pelo modo como usuários desses instrumentos de comunicação lidam com esses estereótipos, gerando em alguns casos o preconceito linguístico.

Nesse sentido, o espaço escolar precisa proporcionar atividades que valorizem as variedades linguísticas para que os estudantes percebam as diversidades linguística e cultural do nosso país, ao mesmo tempo que reconheçam a diferença e não o erro. Além disso, é de extrema importância que os alunos saibam se comunicar conforme cada situação comunicativa.

Ao utilizar o gênero textual adequado a cada situação de comunicação, os estudantes podem compreender a língua aliada a uma prática de uso social, imersa num contexto que pode enriquecer seu conhecimento e despertar o interesse para conhecer outros gêneros textuais que serão utilizados em outras situações comunicativas, como foi o caso da construção do livro lançado em uma feira de livros, momento que, além de apresentar aos alunos outros gêneros textuais, possibilitou à turma um registro que ficará para além do tempo. Assim, despertar o interesse dos alunos e saber que a prática realizada na escola irá auxiliá-los na construção de aprendizagens que estão relacionadas com experiências concretas torna o trabalho docente muito mais significativo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 29 out. 2021.

BAGNO, M. A norma oculta. Língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALLOU, D. A Propósito de Norma, Correção e Preconceito Linguístico: do presente para o passado. Cadernos de Letras da UFF. Niterói, n. 36, 2008. p. 57-73.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].